MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
1999 **nº 190**

TRÊS MOMENTOS BARROCOS NA CATEDRAL DE SANTO ANTÔNIO



A antiga Matriz, hoje Catedral de Santo Antônio, tem em seu corpo e capela-mor, sete altares de estilos diferentes, assim agrupados: o Altar-mor e os de Nossa Sra. do Rosário e de Nossa Sra. das Dores, os do Divino e São Miguel e os de Nossa Sra. do Carmo e o atual de Santa Terezinha.

Concentrar-nos-emos, aqui, nos três primeiros que, julgamos, sejam os mais antigos pelas razões que resumidamente ora expomos. A atual igreja de Santo Antônio, certamente teve seu desenvolvimento a partir de 1772 quando foi à hasta pública a planta da nova igreja, e quando a Irmandade do Santíssimo ficou encarregada de "altear a Capela-Mor", tudo como consta do processo movido pelos administradores da "obra da nova igreja" contra a referida Irmandade (ver os números XIV e 156 desta série).

Portanto, pode-se concluir da comparação entre o que diz o Livro de Tombo de 1757 e o que consta do dito processo, que surgiu um altar diferente, o de Nossa Sra. das Dores, pois esse Livro do Tombo fala nos altares Mor, do Rosário e de São Miguel, sendo o segundo apenas pintado, e os outros dois dourados (em consequência, segundo a terminologia da época, lavrados com talha que depois se dourava). Melhores pormenores sobre essa questão, prometemos para uma próxima ocasião em trabalho de maior fôlego.

O viajante francês Saint-Hilaire, que por aqui passou em 1822, faz referência a três altares na Matriz da Vila. Pelo seu estilo, devem ser, com toda segurança, o Altar-Mor e os do Rosário e N.Sra. das Dores atuais. Além do mais, era comum, como se pode ver em Cunha, que nas igrejas de três altares, os dois laterais ficavam escanteados nos ângulos formados pelas paredes laterais (ainda não existiam os arcos e as tribunas da nave central abertos em 1896) e a parede em prolongamento do Arco-Cruzeiro. Indícios de franchadura nos dois altares assim levam à conclusão de que eles são os citados por Saint-Hilaire e que, depois, com a abertura dos arcos, foram transferidos para os corredores laterais.

Entretanto, o Pe. João Gonçalves Lima entre 1795 e 1798, informa serem quatro os altares: Altar-Mor com as imagens de Santo Antônio, Senhora da Conceição e Santa Margarida; o altar da Senhora das Dores com as imagens da Senhora das Dores e Santa Anna; o altar da Senhora do Rosário, com as imagens da Senhora do Rosário, N.Sra. da Piedade e São Mateus; e o altar de São Miguel com as imagens de São Miguel, Santana, São José, N.Sra. das Candeias e Senhora do Carmo (Livro do Tombo I, fls.133). A confusão, pois, está estabelecida. Onde ficava o 4° altar que Saint-Hilaire não viu? **(1).**

Vamos, portanto, ao exame do estilo dos altares para adiantar alguma coisa.

Quanto à semelhança de estilo arquitetônico, citemos principalmente, os capitéis coríntios das colunas com as "folhas de acanto" simplificadas e as caneluras dessas colunas, assim como as volutas de míssulas das colunas.

Esses três altares são, portanto, do século XVIII, erguidos quando a Irmandade do Santíssimo alçou a Capela-Mor à altura que agora tem, a partir de 1772.

O Altar-Mor apresenta uma construção arquitetônica em três lances: a parte inferior com as míssulas das colunas, volutas bastante volumosas e decoração com elementos fitomórficos e concheados, e folhas de aipo alongadas. Essa parte inferior, no entanto, acha-se um tanto oculta pela mesa antiga do altar; depois vem a parte média com suas colunas caneladas e seus capitéis "coríntios" com "folhas de acanto" simplificadas e espaços livres com suportes em talha dourada para as imagens de São Pedro e São Paulo, e com o espaço central, entre as quatro colunas, abrindo para o camarim do Padroeiro acima do qual há uma construção escalonada que termina numa espécie de nicho onde, até os anos 40, ficava a urna com o Santíssimo, de Quinta a Sexta-feira Santas; vem a seguir a parte superior do retábulo com entablamento complexo, com capitéis sobrepostos aos das colunas e ligados entre si, tudo em sobreposição de elementos retilíneos bastante característicos, porém sem tríglifos nas métopes; um grande coroamento do conjunto em forma de arco ricamente adornado, e um resplendor característico encontrado somente no Vale do Paraíba (Guaratinguetá, Cunha, Taubaté) e Paraty. Esse resplendor, com seus raios partindo de um elemento central, só se verifica, segundo parece, na igreja de N.Sra. da Penha dos Comerciantes do Rio de Janeiro, fora de nossa região e, assim mesmo, em proporções menores. Na antiga Matriz de Santo Antônio, no centro, está esculpido em madeira um coração, o de Jesus. Na atual restauração, foi recuperada a cor azul entremeando com o branco, conforme a pintura primitiva, que estavam debaixo de 8 camadas de tinta.

O Camarim, onde se encontra o oratório do Padroeiro, também apresenta abundante talha em madeira dourada com elementos fitomórficos, concheados em curvas e contra-curvas e eleva-se em quatro patamares até um nicho ladeado por uma resplendor em talha pintada e dourada. Essa espécie de nicho, como vimos acima, destinava-se, até os anos 40, ao depósito da "Urna do Santíssimo" de 5ª a 6ª Feira-Santas para a adoração dos fiéis, ocasião em que, nos vários degraus, eram colocados grandes castiçais com velas acesas. Por volta de 1940, Pe. Morais, temendo um incêndio, talvez, deslocou essa adoração para a Capela do Coração de Jesus. Aliás, lembro-me de que era bastante difícil atingir esse nicho acompanhando o Diácono, e, como coroinha, levando o turíbulo para a incensação do

Santíssimo lá em cima.

Todo o conjunto desse retábulo acha-se separado do da Mesa do Altar propriamente dito (hoje oculto por nova mesa colocada a sua frente após a reforma litúrgica pós Concílio Vaticano II). Esse altar antigo tem a forma de túmulo, como os demais da igreja, segundo secular costume, relembrando a ação litúrgica realizada nas catacumbas romanas sobre os túmulos dos mártires, e abriga a imagem do Senhor Morto fora da Semana Santa.

Os altares laterais, atualmente nos corredores que margeiam a nave, **o de N. Sra. do Rosário e o de N. Sra. das Dores**, apresentam-se muito semelhantes ao Altar-Mor em vários detalhes, como os capitéis das colunas de fuste com estrias em dois lances, volutas das míssulas sob as colunas, volutas entretanto mais simples embora muito elegantes no seu "enrolado" espiralado; o entablamento sobre as colunas segue o estilo do Altar-Mor; o camarim terminado em arco. Acima do qual há, um baldaquino em talha dourada que se apóia nas duas colunas centrais. O conjunto termina em forma de um arco com curvas e contracurvas, em cujo centro há um escudo emblemático com alto-relevo com insígnias referentes ao titular atual ou anterior, como o de N. Sra. do Rosário cujo escudo emblemático traz um coração em alto relevo. Este altar apresenta a singularidade de trazer o emblema das Dores de Maria logo acima do camarim, indicando, talvez, a anterior destinação desse altar. No alto, ao centro do arco em curvas e contracurvas, acha-se a representação columbiforme do Divino rodeado de resplendor, tudo em talha totalmente dourada.

Neles verifica-se, em linhas gerais, o mesmo modelo do Altar-Mor: quatro colunas com supedâneo entre elas, para a colocação de imagens, o capitel coríntio simplificado, uma espécie de oratório para a imagem titular, no lugar do camarim e da construção escalonada. Distinguem-se as imagens de N. Sra. do Rosário de autêntico barroco setecentista, policromada e dourada, e a de N. Sra. das Dores, imagem do tipo das "imagens de vestir", sendo esculpidos em madeira apenas o rosto e as mãos, estas de fina lavra. O rosto também de lavra caprichada exprime um sofrimento grande, porém, contido, sem os esgares característicos do barroco ibérico, seja espanhol, seja português (2).

Estes dois altares laterais ainda não passaram pelo descascamento das várias camadas de tinta de variada qualidade.

Diferentemente de Eduardo Etzel, pelos motivos acima alegados, firmamos a opinião de que esses três altares são os mais antigos, datando do século XVIII enquanto os de São Miguel e do Divino, de lavra mais leve, rococó mesmo, sejam do século XIX, o mesmo devendo ser os laterais de Cunha e da Igreja do Rosário de Paraty, semelhantes àqueles de noss Catedral. Os de N. Sra. do Carmo e o atualmente de Santa Terezinha, já com muitos elementos neo-clássicos, ainda do século XIX, porém de data mais recente (3).

Fugindo um tanto do tema proposto, gostaríamos de, pelo menos, fazer uma breve referência a outros dois momentos, agora, porém, já mais rococós: o **Arco-Cruzeiro** com suas belas talhas em madeira pintada de branco, azul e dourada; assim como as **Tribunas da Capela-Mor** com seus gradis e baldaquins em talha dourada, em número de seis, à

semelhança das tribunas do Mosteiro da Luz de São Paulo e de outras igrejas barrocas mineiras ou cariocas, porém, de estilo peculiar. Também merecedores de próxima restauração na pintura e no douramento.

NOTAS

1) A maioria dessas imagens desapareceu. Entre elas, a imagem de São Mateus que estava no altar do Rosário. Essa imagem recebeu a doação de terras até a margem do Rio Paraíba. A Lei Provincial nº 80 de 14/03/1833, no seu artigo 1º, autoriza o Juiz Municipal "por em hasta pública as terras pertencentes à São Mateus entre foreiros" e, no seu artigo 2º, determina que o produto desse leilão público reverteria "para as obras da Matriz".

2) Os demais altares laterais da nave também apresentam essas cartelas com insígnias do titular do respectivo altar, com exceção do altar de Santa Terezinha. Neste, a cartela traz a representação de três corações (de Jesus, Maria e José) que deve ser anterior ao veto da Santa Sé à devoção ao Coração de São José por razões teológicas; e indica que este altar era dedicado à Sagrada Família. Posteriormente, foi dedicado ao Coração de Jesus, cuja imagem encontra-se na respectiva capela, desde 1928, quando, então, foi colocada a imagem de Santa Terezinha nesse altar.

3) Etzel, Eduardo: "O Barroco no Brasil" - Edições Melhoramentos, SP, 1974, pág. 153. Da página 157 a 159, Eduardo Etzel estabelece um estudo comparativo entre as igrejas de Guaratinguetá, Taubaté, Jacareí (as respectivas matrizes) e Paraty, demonstrando os aspectos comuns de seus diversos altares e diferenças locais, em especial o frontão do altar-mor com o resplendor encontrado nesses altares da Matriz de Guaratinguetá, Cunha e Taubaté, e que nós também indentificamos nos altares laterais da Matriz de Cunha e da Igreja do Rosário de Paraty. Na monografia de nº 160 do "Museu Frei Galvão" que traz importante "Roteiro de Visita da Catedral de Santo Antônio", Thereza Regina de Camargo Maia segue a opinião de Eduardo Etzel quanto à datação dos altares do Divino e de São Miguel como sendo do século XVIII.

Guaratinguetá, na Festa do Padroeiro de 1999 - 369º aniversário da capela erguida em 1630 em taipa-de-sopapo e coberta de palha, no mesmo local da atual Catedral, "marco zero" da cidade de Santo Antônio - terra de Frei Galvão.

BENEDITO DUBSKY COUPÉ